



Entre o Bosco parrasio e os penhascos do Itacolomi: presença da língua italiana no arcadismo brasileiro

Between the Bosco Parrasio and the Cliffs of Itacolomi: the Italian Language in Brazilian Arcadism

Michele Gialdroni

Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, São Paulo/Brasil

michele.gialdroni@gmail.com

<http://orcid.org/0000-0002-8150-7086>

Resumo: O artigo surge de uma ampla pesquisa bibliográfica sobre a presença da língua e da cultura italianas na época do arcadismo mineiro, com especial foco nas tendências mais modernas da literatura italiana no século XVIII. A investigação se direciona a uma interpretação da significativa presença de poemas em língua italiana nas *Obras* de Cláudio Manuel da Costa e da experiência da Arcádia Ultramarina no contexto cultural e político de Vila Rica. Fundamentais para esta interpretação são os trabalhos de Monica Ferrando sobre o sentido político da tradição arcádica e os estudos de Cláudio Versiani dos Anjos sobre a história editorial das *Obras*. O resultado desta releitura da fase crucial da Arcádia Ultramarina em 1768 leva a reconsiderar o papel fundamental de Basílio da Gama quanto ao vínculo com a cultura italiana, filtrada pelo academicismo romano, e ao uso da língua italiana no contexto do arcadismo mineiro.

Palavras-chave: Arcadismo; Arcádia Ultramarina; poesia do século XVIII; Cláudio Manuel Da Costa; Basílio Da Gama; Metastasio; Vila Rica; Inconfidência.

Abstract: This paper stems from an extensive literature research on the presence of the Italian language and culture within Arcadism in Minas Gerais, focusing on the most modern trends in 18th century Italian literature. The investigation seeks to understand the significant presence of poems in Italian in Cláudio Manuel da Costa's *Obras* and the experience of the Arcádia Ultramarina in the cultural and political context of Vila Rica. Of utmost importance to this interpretation are the works by Monica Ferrando on the political meaning of the Arcadian tradition and the studies by Cláudio Versiani dos Anjos on the editorial history of *Obras*. This rereading of the crucial phase of the Arcádia Ultramarina in 1768 leads us to reconsider the key role played by Basílio da Gama regarding the link with Italian culture, filtered by Roman Academicism, and the use of the Italian language within Minas Gerais' Arcadism.

Keywords: Arcadism; Arcádia Ultramarina; 18th century poetry; Cláudio Manuel Da Costa; Basílio Da Gama; Metastasio; Vila Rica; Inconfidência.

1 Introdução

O presente artigo representa um simples esboço de um trabalho de investigação sobre a presença da língua italiana no arcadismo brasileiro. Embora não se tenha dado continuidade ao projeto em sua integridade, ficou cada vez mais evidente a centralidade da figura de Cláudio Manuel da Costa – e de sua decisão de inserir 19 poemas em italiano em suas *Obras* de 1768 – nesta questão. O panorama da presença da língua italiana na cultura brasileira do século XVIII, especialmente em relação ao ambiente cultural de Minas Gerais, seria então instrumental para uma melhor compreensão da escolha de Cláudio.

2 Cláudio e Metastasio

Para entender a amplitude da presença da língua italiana na vida cultural de Minas Gerais em meados do século XVIII, é fundamental um registro de testemunhos de atividades musicais e teatrais nas principais cidades da região. É nesse setor, como bem demonstram os estudos de Rogério Budasz, que se caracteriza o uso do italiano como veículo cultural não somente nas capitais europeias, mas igualmente nas colônias americanas. Esta presença do italiano coincide com o auge da produção cultural de Minas Gerais, imediatamente sucessivo a seu apogeu econômico.

Obviamente já existia um repertório de clássicos italianos que faziam parte do cânone literário da época e da bagagem cultural dos cidadãos mais cultos, capazes de ler os textos em sua versão original. Mas, no caso em questão, devemos ressaltar a presença de literatura italiana contemporânea, como indício de modernidade e renovação das letras, sendo este especialmente o caso do teatro de Metastásio, ao qual Cláudio Manuel da Costa dedicou tantas atenções.

A atividade teatral de Cláudio é inteiramente caracterizada pelo esforço de traduzir e adaptar Metastásio às circunstâncias coloniais, tanto na língua, quanto nos temas e nas modalidades de representação. Não podemos esquecer que Cláudio, além de ser o primeiro tradutor sistemático de obras italianas em terras brasileiras, esteve entre os fundadores do teatro de Vila Rica. Em 1769, constrói-se a Casa da Ópera de Vila Rica, a mais antiga da América do Sul. O construtor, coronel João de Sousa Lisboa, conta com o apoio do governador José Luís de Meneses, Conde de Valadares, e a colaboração de Cláudio Manuel da Costa. O teatro se inaugura em 6 de junho de 1770, aniversário de Dom José I (VERSIANI, 2019, p. 137). É importante frisar

que Cláudio, imediatamente depois da tentativa de constituir uma academia arcádica, não se limita a traduzir e adaptar as obras de Metastasio, mas procura meios e modos para que esta nova forma de fazer teatro seja acessível a um público mais amplo.

Afortunadamente, temos um primeiro registro de punho do próprio Cláudio Manuel da Costa sobre sua produção literária. Depois de voltar ao Brasil – fato ocorrido provavelmente em 1754, aos 25 anos de idade –, em 1759 Cláudio escreve à “Academia dos Renascidos” da Bahia, comunicando ser o autor de várias “poesias dramáticas” representadas em Vila Rica, Minas em geral e Rio de Janeiro, a saber: *Mafalda triunfante*, *Cyro ou A liberdade de Cambises*, *Circe* e *Ulisses*, *Orlando furioso*, *Siques e Cupido*, *Calipso*. Além disso, se diz tradutor em rima e em prosa de dramas de Metastasio “proporcionados ao teatro português”: *Artaxerxes*, *Dircea* (seria o *Demofonte* de Metastasio), *Demétrio*, *José reconhecido*, *O sacrifício de Abraão* (*Isacco figura del Redentore* em Metastasio), *O Régulo*, *O Parnaso acusado* (VERSIANI, 2019, p. 117-118). Trata-se de libretos que circulavam intensamente nas cortes europeias, inclusive na corte portuguesa, onde eram musicados frequentemente por compositores italianos. Embora as músicas variassem, o texto continuava comumente em sua versão original italiana, mesmo no Brasil. Um famoso viajante francês, Louis Antoine de Bougainville (1772, p. 137, t. 1), escreveu que, em 1766, estando no Rio, o Virrey “(...) nos fez preparar um camarote na ópera. Em uma sala muito bonita, pudemos assistir às obras-primas de Metastásio, representadas por uma companhia de mulatos, e escutar esses trechos divinos dos grandes mestres da Itália, executados por uma péssima orquestra, dirigida por um padre corcunda em traje eclesiástico”.¹ É especialmente importante salientar o esforço de Cláudio, que por um lado escreve diretamente em italiano, mas por outro, quer trazer o estilo e os temas de Metastasio para dentro da literatura portuguesa realizada no Brasil, especialmente naquele espaço privilegiado de convivência social e divulgação literária que é o teatro.

Sérgio Alcides (2003, p. 256), em seu fundamental *Estes Penhascos. Cláudio Manuel da Costa e a paisagem de Minas 1753-1773*, observa que

¹ „(...) nous fit préparer une loge à l’Opéra. Nous pûmes dans une salle assez belle, y voir les chefs-d’oeuvre de Metastasio représentés par une troupe de mulâtres, et entendre ces morceaux divins des grands Maîtres d’Italie exécutés par un mauvais orchestre que dirigeait alors un Prêtre bossu em habit ecclésiastique”.

na Arcádia de Cláudio “o convívio com as musas era restrito a uma camada social muito específica”, e “nada indica que tais benefícios devessem ser estendidos a toda a população”. Com certeza o público das obras de Cláudio era uma elite, mas o projeto árcade, por trás da inócua fachada, traz em sua matriz histórico-mitológica a ideia revolucionária de uma sociedade de iguais, como bem se entende lendo o monumental ensaio de Monica Ferrando (2018), *Il regno errante: L’Arcadia come paradigma politico*. Não é de se maravilhar que o governador não se tenha mostrado minimamente interessado em fazer parte da Arcádia Ultramarina.

Hoje em dia, do conjunto dos textos teatrais de Cláudio, só conhecemos a breve peça original *O Parnaso Obsequioso* (representado em 1768, na suposta cerimônia de fundação da Arcádia Ultramarina) e as traduções e adaptações de Metastasio *Comedia do mais alto segredo – Artaxerxe e Opera de Demofonte em Tracia*.² A influência de Metastasio é determinante na produção teatral de Cláudio, embora frequentemente ele interprete de forma muito pessoal temas e figuras do mestre italiano. No *Manual de Obras* (a coletânea manuscrita que inclui textos de Cláudio Manuel da Costa, conservada na Biblioteca Nacional de Lisboa e só recentemente estudada) encontra-se uma sequência de textos líricos e dramáticos dedicados à morte de Alexandre Magno, que são apresentados por Versiani (2019, p. 84-115) como uma peça que poderia ser representada em duas partes: *Carta de Alexandre à sua mãe Olímpia* e *Junto à urna de Alexandre o Magno*. Os textos têm o precedente mais próximo no drama de Metastasio *Alessandro nell’Indie* (1726), mas assunto e desenvolvimento diferem consideravelmente. Outras referências a Metastasio no *Manual de Obras* se encontram na ode “Imitando o sonho de Cipião” (VERSIANI, 2019, p. 152-163), que Cláudio, inspirando-se em um libreto de Metastasio de 1735 (*Il sogno di Scipione*), escreve em 1778-79, quando seus escritos evidenciam um maior interesse por temas morais e de crítica da decadência dos costumes.

² Tarquínio de Oliveira encontrou no Arquivo da Música da Cúria Metropolitana de Mariana as peças de Metastasio traduzidas por Cláudio, que foram publicadas no Anuário VII (1984) e VIII (1990) do Museu da Inconfidência por Suely Maria Perucci Esteves.

3 A Arcádia Ultramarina entre Basílio e Cláudio

A história da Arcádia Ultramarina é de alguma forma para nós a história da relação entre Cláudio Manuel da Costa e Basílio da Gama, o poeta brasileiro originário de Minas Gerais, árcade romano já a partir de 1763. Basílio domina o idioma italiano e é ele o provável iniciador do projeto de fundação de uma Arcádia Ultramarina, cujo protagonista virá a ser exatamente Cláudio Manuel da Costa.

Dispomos de vários elementos para reconstruir a tentativa de realizar uma Arcádia brasileira diretamente relacionada ao modelo romano. Basílio da Gama, que chegou em Roma aos 18 anos, em 1760, já era membro da Arcádia Romana com o nome de Termindo Sipílio (é interessante notar que fazia questão de justapor “americano” ao seu epíteto, contrariamente ao costume da época³) quando em 1763 indica outro jovem brasileiro, Joaquim Inácio de Seixas Brandão, que se torna árcade romano com o nome de Driásio Erimanteu. No diploma de admissão de Seixas (com Basílio como testemunha) consta o objetivo de fundar uma Arcádia Ultramarina, mas Seixas, que em 1765 se encontra em Montpellier, onde estuda medicina, passa posteriormente a tarefa ao próprio Basílio, com a ode *A um árcade de Roma, que ia estabelecer uma nova Arcádia no Brasil* (transcrita e divulgada pela primeira vez em 1969)⁴. O próprio Cláudio Manuel da Costa escreverá uma ode, *Saudação à Arcádia Ultramarina*, que se encerra com uma homenagem a Termindo e supostamente se refere igualmente a Seixas Brandão, mas isso se o verso “Briareu, aqui diz este” na verdade devesse ser lido como “Driásio, aqui diz este”, como sugere Melânia Silva de Aguiar (PROENÇA FILHO, 1996, p. 1078). Sérgio Alcides (2004, p. 94) afirma que “Não é impossível que Cláudio tenha recebido, de fato, um diploma de árcade romano.” No manuscrito das *Obras*, conservado na Torre do Tombo, a palavra “ultramarino” é acrescentada quatro vezes à expressão “pastor árcade romano”, com letra e tintas diferentes (*Fileno a Nise, Nise a Fileno, Il Pastore a Nice e Nice a il Pastore*, sendo os últimos dois escritos em italiano). De fato, pode-se tratar de incorporações feitas a posteriori, quando o códice já estava em Portugal e sofreu alterações, como a substituição de vários sonetos em português por outros em italiano.

Depois de viver vários anos em Roma sob a proteção do clero jesuíta, Basílio volta ao Brasil no final de 1766 ou começo de 1767, já que no dia 8 de fevereiro de 1767 vê no porto do Rio de Janeiro a nau *Serpente* ser lançada ao mar. Sucessivamente, Basílio tem que retornar precipitadamente

³ Ver Teixeira (1996, p. 23).

⁴ Ver Lapa (1969).

Portugal (os jesuítas egressos deviam voltar à Metrópole até 18 de agosto de 1768), e o faz em 30 de junho de 1768, na nau Senhora da Penha de França, deixando a tarefa de fundar a Arcádia Ultramarina a Cláudio Manuel da Costa, que o fará supostamente em 5 de dezembro de 1768, quando da segunda apresentação de seus versos ao Conde de Valadares, novo Governador das Minas Gerais. Nesse ínterim, Basílio escreve provavelmente o amargo soneto de despedida *Bárbara, iniqua terra*.

De Basílio da Gama conhecemos alguns textos em italiano, entre os quais se destaca um soneto dedicado à fonte dos quatro rios de Bernini – na Piazza Navona –, que se encontra na Biblioteca Angélica de Roma⁵, mas também se conservam algumas provas de tradução do italiano, como “A liberdade do Senhor Pedro Metastasio, poeta Cesáreo, com a tradução franceza de M. Rousseau de Genebra e a portuguesa de Termindo Pastor Arcade”, publicada em 1773, em Lisboa.

Em 1769, é publicada sua obra-prima, *O Uruguay*, escrita para narrar o acontecido aos curiosos romanos, escreve Basílio (GAMA *apud* LOPES, H., 1997, p. 155) na *Nota do Autor*. Ele envia o poema ao próprio Metastasio, com a seguinte carta:

A homenagem da inculta América é bem digna do grande Metastásio. Este nome é ouvido com admiração no fundo de nossas florestas. Os suspiros de Alceste e Cleonice são familiares a um povo que não sabe que no mundo existe Viena. É lindo ver nossas índias chorarem com seu livro em mãos e orgulharem-se de não ir ao teatro todas as vezes que a peça não for de Metastásio! Se vou de tão longe apresentar-lhe um poema, cujo tema é inteiramente americano, sou nisto nada mais do que o intérprete dos sentimentos de meu país, e esta honra me coube depois de ter sido mais do que uma vez intérprete dos seus. Eu não aspiro a nada mais, além de assegurar-lhe que sou ... Basílio da Gama. (METASTASIO, 1954, p. 897)⁶

⁵ Na coletânea *Sonetti ed Orazione e in Lode delle Nobili Arti del Disegno, Pittura, Scoltura ed Architettura*, Roma, Francisco Bizzarrini Komarek, 1764.

⁶ „L’omaggio dell’incolta America è ben degno del grande Metastasio. Questo nome è ascoltato con ammirazione nel fondo delle nostre foreste. I sospiri d’Alceste e di Cleonice sono familiari ad un popolo, che non sa che ci sia Vienna al mondo. Bel vedere le nostre Indiane piangere col vostro libro in mano, e farsi un onore di non andare al teatro ogni volta che il componimento non sarà di Metastasio! S’io vado di così lontano presentarvi un poema, il cui soggetto è tutto americano, non sono in questo che l’interprete di sentimenti del mio paese, e questo onore mi si doveva dopo essere stato più d’una volta interprete de’ vostri. Io non aspiro ad altro che a rassicurarvi che sono... Basílio da Gama”

Alceste e Cleonice estão entre os protagonistas de *Demetrio*, o melodrama com libreto de Metastasio, representado por primeira vez em Viena, em 1731, e depois em toda a Europa.

Como no caso de Cláudio, embora com resultados estilísticos muito diferentes, Basílio continuará um fiel leitor de Metastasio, como demonstra a epígrafe de sua última obra, *Quitúbia* (Lisboa, 1791). Talvez Basílio também escrevesse tragédias inspiradas em Metastasio. A revista *Minerva Brasiliense*, número 11, de abril de 1844, afirma que Basílio lançou ao fogo suas tragédias nos últimos momentos de sua vida (LOPES, H., 1997, p. 151). Em seu único livro publicado em vida, *Obras*, de 1768, Cláudio se declara “Árcade, romano, ultramarino”, evitando acuradamente referir-se à Arcadia lusitana, fundada em 1756 e ativa só até 1764. O vínculo de Portugal com a Arcádia romana era especialmente forte, desde que o rei D. João V (1689-1750, reinado de 1706-1750), árcade com o nome de Arete Melleo, tinha doado o terreno do “Bosco Parrasio”, no Gianicolo, para erguer a sede da Academia. Participava das reuniões em Roma, com o nome de Ramiro, o embaixador D. André de Melo e Castro, conde de Galveias, depois governador da capitania de Minas Gerais (1732-35) e sucessivamente vice-rei do Brasil.

Cláudio, depois de frequentar o colégio jesuíta no Rio de Janeiro, entre 1749 e 1753, estuda Direito em Coimbra e volta para Minas Gerais no começo de 1754, formado em Cânones. Seus anos portugueses se situam numa época de forte presença das letras italianas em Portugal, não só graças ao teatro e ao melodrama, mas igualmente no plano teórico da renovação das poéticas dominantes. *Della perfetta poesia italiana*, de Muratori (1706), influencia Cândido Lusitano (Francisco José Freire) em sua *Arte poética, ou Regras da verdadeira Poesia* (1748), enquanto Luís Antônio Verney (na Arcádia Romana com o nome de Verênio Origiano), sob o pseudônimo de Padre Barbadinho, publica o *Verdadeiro método de estudar* (1746), base das reformas dos estudos menores (1760) e da Universidade de Coimbra (1772). Em seu proêmio às *Obras* de 1768, Cláudio, que nasce como poeta barroco e modifica sua poética depois da experiência portuguesa, para definir todas as contradições de um estilo que não renuncia às metáforas rebuscadas e expressões eruditas, adota a fórmula ovidiana – “vejo, e aprovo o melhor, mas sigo o contrário” –, que por sua vez já tinha sido utilizada por Petrarca, Garcilaso e outros (ALCIDES, 2003, p. 86).

A carreira do jovem advogado Cláudio Manuel da Costa em Vila Rica é rápida e brilhante. Em 1762 é governador de Minas Gerais Gomes Freire de Andrada, conde de Bobadela e protetor de Cláudio. Mas, em janeiro de 1763, ele morre, e seu irmão, José Antônio Freire de Andrada, torna-se governador interino. Este nomeia Cláudio secretário de governo, um cargo de máxima importância na capitania. Quando, no final de 1763, chega de Pernambuco o novo governador, Luís Diogo Lobo da Silva, supõe-se que na posse de 28 de dezembro Cláudio tenha recitado a *Écloga IV* a ele dedicada. Cláudio Manuel da Costa continuará no cargo de secretário de governo até agosto de 1765. De 20 de agosto a 3 de dezembro de 1764, acompanha o governador numa jornada aos confins da Comarca do Rio das Mortes, “viagem dilatada e aspérrima”. Alcides (2003, p. 253) afirma que a viagem e a experiência de governo mudam a visão da paisagem de Minas, que adquire nova dignidade nas inclusões no manuscrito das *Obras* dos sonetos II (agora dedica a centúria ao Ribeirão do Carmo e não à Nise mediterrânea, como na versão anterior) e XCVIII (dedicado a “estes penhascos”), com palavras como “berço” e “pátrio”, enquanto o primeiro e o último soneto do livro falam em desterro. Pode corroborar com essa interpretação a observação de Carla Inama (1961, p. 62), que nota que nos sonetos em italiano Cláudio difere de Metastasio, já que tende a priorizar as descrições do ambiente pastoril em detrimento dos sentimentos.

4 O fatídico 1768

No fatídico ano de 1768, em que Cláudio publica suas *Obras*, a fundação da Arcádia Ultramarina deve coincidir com a posse do novo governador, D. José Luís de Meneses, conde de Valadares, numa situação política tensa, em que os portugueses do ultramar reclamam cada vez mais da falta de autonomia. Cláudio escreve encômios para o novo governador, que assume o cargo em 16 de julho de 1768. Ele conhece o nome do sucessor do desafeto Luís Diogo Lobo da Silva já desde o final de 1767 e rapidamente acrescenta a “Carta Dedicatória” ao manuscrito das *Obras* entregue à Real Mesa Censória em junho de 1768 (ALCIDES, 2003, p. 197).

Sabemos de duas reuniões político-literárias com o recém-chegado governador, que finalmente não mostrará interesse algum em participar da nova Arcádia Ultramarina, decretando provavelmente o fim do projeto institucional. Por outro lado, os arcades mineiros continuarão a reunir-se para

discutir suas obras literárias, com maior intensidade desde a chegada de Tomás Antonio Gonzaga a Vila Rica em 1782, e adotarão seus nomes de pastores em suas publicações até a própria Inconfidência Mineira, em que Cláudio, referência para todo o grupo, perderá a vida. Quanto à fidelidade ao magistério metastasiano, basta dizer que, entre os livros sequestrados aos inconfidentes, encontram-se sete volumes de Metastasio, de propriedade de Alvarenga Peixoto⁷, e onze do Cônego Luís Vieira da Silva. Na biblioteca de Cláudio Manuel da Costa, no levantamento dos *Autos da Inconfidência*, encontra-se curiosamente o *Cannocchiale aristotelico* de Emanuele Tesauro (ou seja, uma obra-prima da literatura barroca italiana), mas nada de Metastasio.

A própria publicação das *Obras* e a inclusão de última hora de novos textos italianos levantam várias suspeitas em relação a uma possível presença de Cláudio em Portugal. Em 21 de junho de 1768, o manuscrito das *Obras* é entregue aos censores da recém-formada Real Mesa em Lisboa (entre abril e maio 1768). Para chegar a Lisboa, o manuscrito deveria ter levado pelo menos dois meses de navio. Também em junho de 1768, Cláudio recebe a Mercê do Hábito de Cristo pela Coroa portuguesa em resposta a seu pedido anterior. Por outro lado, não há nenhum registro de presença de Cláudio Manuel da Costa entre 3 de abril 1767 e 4 de setembro 1768 nem no Brasil, muito menos em Portugal. Sabe-se que o manuscrito das *Obras*, aprovado por primeira vez em 8 de julho, foi entregue uma segunda vez à Real Mesa e aprovado definitivamente no dia 24 de novembro. Entre a primeira e a segunda entrega, o texto foi revisto e foram incluídos novos poemas, entre outros, mais seis sonetos italianos.

Carlos Versiani dos Anjos, que analisa minuciosamente o manuscrito, com base nos tempos de duração dos trajetos entre Portugal e Brasil, chega à conclusão de que Cláudio poderia ter estado em Lisboa no mês de maio para preparar a primeira entrega do manuscrito das *Obras*, mas que não poderia ter feito pessoalmente as correções da segunda versão. Resta a hipótese de que deixou indicações precisas a seu editor para realizar e versão corrigida e definitiva, que será finalmente impressa (VERSIANI, 2014, p. 272).

Uma última hipótese que me atrevo a sugerir, e que explicaria também as lacunas em nossa documentação, seria que as correções viajassem com o próprio Basílio da Gama, que sabemos ter embarcado para Lisboa

⁷ Trata-se provavelmente da edição veneziana de Giuseppe Bettinelli, cuja primeira publicação foi em 1733.

do Rio de Janeiro no dia 30 de junho. Sabemos igualmente que Basílio, ao chegar a Portugal, foi detido com a acusação de ser jesuíta e depois liberado com a promessa de embarcar para Angola dentro de seis meses. Ao final, Basílio conquistará a confiança do Marquês de Pombal e permanecerá em Portugal, onde publicará em 1769 o *Uruguay*.

São anos decisivos para o projeto poético nativista e arcádico, e acho lícito supor que tenha havido uma estreita colaboração, mantida secreta, entre Cláudio e Basílio durante a estada de Basílio no Brasil, entre 1767 e 1768. Parece-me inclusive possível supor uma certa intervenção de Basílio, que certamente dominava à perfeição o italiano, nos textos italianos de autoria de Cláudio. Entre as obras de Cláudio (COSTA *apud* LOPES, E., 1997, p. 69), não se conservam textos em italiano redigidos depois de 1768, embora no “Traslado dos sequestros feitos ao Dr. CMC” conste que estavam em sua mesa de trabalho, por ocasião da detenção, “três livros de traduções de tragédias, e mais outros dos mesmos relatados e poemas”.

Certamente mudaram seus interesses depois do fracasso oficial da Arcádia Ultramarina, mas pode-se levantar a suspeita de que por trás dos textos italianos de Cláudio houvesse também a mão de Basílio. Se foi realmente o editor a operar as correções no manuscrito sucessivas à aprovação no mês de julho pela Real Mesa Censória, como chegaram a ele as indicações exatas? E por que aumentar ainda o peso das composições em italiano? Não seria índice de uma tentativa de filiação direta com a Arcádia Romana, cujo principal representante brasileiro é o próprio Basílio, procurando evitar as polêmicas da Arcádia Lusitana, em nome de um projeto mais autônomo? Vista a situação em que se encontra Basílio, perseguido por jesuitismo, certamente não seria recomendável que uma tal colaboração viesse à luz. Esta é uma pura suposição, mas surge a suspeita de que na história da Arcádia Ultramarina e dos textos italianos de Cláudio Manuel da Costa possa haver um protagonismo de Basílio da Gama, cancelado e esquecido.

Mais um texto italiano de Basílio parece-me corroborar com esta pista.⁸ Em 1764, publica-se um volume de *Prose e versi degli Accademici Infecondi* que contém um soneto “Dell’abate Basílio Da Gama brasileiro”. Trata-se de uma poesia que inverte a sequência do soneto dedicado à fonte de Bernini, em Piazza Navona, que só no final da descrição do monumento

⁸ Agradeço ao prof. Maurício Santana Dias pela indicação deste precioso texto.

romano faz uma saudosa referência a “il mio Argentaro”. Em *Se in tal dì, che i Suoi raggi il Sol d’orrore*, Basílio homenageia a cidade eterna dizendo que, estando no Brasil, a morte de Cristo teria provocado no poeta uma enorme compaixão e pranto, mas conhecendo as belezas de Roma, o pranto se transforma em estupor. E os belos versos dos “Amici” (a Accademia degli Infecondi tem fortes vínculos com a Accademia dell’Arcadia) atordoam ulteriormente os sentimentos do poeta brasileiro: é como se por meio da arte ele descobrisse a possibilidade de compartilhar não só a tristeza da morte de Cristo, associada à paisagem brasileira, mas também a alegria de sua mensagem, que possibilita as máximas expressões artísticas.

Parece-me bem possível que Basílio desejasse trasladar para sua terra natal este sentimento de resgate, que passaria através de um projeto arcádico estreitamente relacionado a sua experiência romana. Tudo indica que Cláudio Manuel da Costa foi mais seguidor do que artífice do projeto. E os poemas italianos das *Obras* (tanto as *Canzonette* quanto os sonetos), que, dado o contexto aqui delineado, não podem ser considerados mera exibição de erudição, são plenamente funcionais ao projeto da Arcádia Ultramarina, especialmente levando em consideração a substituição final de textos em português por textos em italiano, que nada acrescentam temática e estilisticamente às *Obras*, senão o próprio fato de evidenciar ulteriormente a importância de usar o idioma que permitiria uma filiação cultural direta com a Arcádia romana sem passar pelo filtro português, naqueles meses cruciais de 1768. E que Basílio esteja diretamente envolvido, pelo menos na transmissão desses textos, é a consequência lógica.

Valadares chega a Vila Rica em 13 de julho de 1768. Em sua cerimônia de posse, três dias depois, Cláudio Manuel da Costa não está presente. No entanto, em 4 de setembro, o poeta comparece e pede desculpa por seu atraso. Ele organiza um recital para o novo governador de Minas, José Luís de Meneses Abranches Castelo Branco, conde de Valadares, oferecendo a este o cargo de custódio da futura Arcádia Ultramarina, sob o nome de Pastor Daliso. Cláudio faz todo o possível para ganhar a benevolência do novo governador, recita uma égloga, duas odes e nove sonetos encomiásticos. É um primeiro contato e certa desconfiança por parte do governador pode ser justificada. A esperança de Cláudio é que em um segundo encontro acadêmico o Pastor Daliso assumira seu papel decustódio. Mas não será assim.

Por fim, a Arcádia Ultramarina nasce e provavelmente morre no dia 5 de dezembro de 1768. É o aniversário do Conde, que cumpre 26 anos, e no palácio do governador se declama o *Parnaso obsequioso*, peça original de Cláudio sobre temas metastasianos em que se canta a necessidade de uma volta à idade do ouro. Tornou-se comum utilizar temas clássicos reinterpretados na cenografia da colônia: no *Uruguay*, Basílio transforma o pastor em índio, e na *Fábula do Ribeirão do Carmo*, que faz parte das *Obras* de 1768, Cláudio Manuel da Costa incorpora a natureza local à mitologia clássica (MELLO E SOUZA, 2011, p. 151). No manuscrito do *Parnaso obsequioso*, Cláudio Manuel da Costa se apresenta: “Bacharel formado na Faculdade de Cânones, Acadêmico da Academia Litúrgica de Coimbra, e Criado pela Arcádia Romana Vice-Custode da Colônia Ultramarina, com o nome de Glauceste Satúrnio”. O nome arcádico de Cláudio é Glauceste Satúrnio, o melancólico cinzento, e este tema da melancolia será predominante nas *Obras*, mesmo quando são retomados temas de Metastasio. O Polifemo da *Écloga VIII* de Cláudio (que também aborda o tema nas *Cantatas III, Galatéia*, e *IV, Lise*) inspira-se na cantata *Il Ciclope* e no drama lírico *Galatea*, de Metastasio. Aproxima-o a Metastasio o estilo, mas Metastasio leva o tema para a ópera bufa, enquanto Cláudio simpatiza com Polifemo, objeto de compreensão e piedade (CANDIDO, 1981, p. 98). Valadares governará até 1773, mas não há registro de outras reuniões semelhantes: as primeiras homenagens não surtirão os efeitos desejados. A Arcádia Ultramarina não prosperou, e o Palácio dos Governadores de Vila Rica não se tornou uma corte que pudesse competir com os centros de poder europeus, onde o italiano era bem presente como língua da cultura. O Conde de Valadares não se interessou (Cláudio Manuel da Costa só foi nomeado juiz de sesmarias do Termo de Vila Rica, e não secretário de Governo ou procurador da Fazenda e Coroa, prestigiosos cargos ocupados com os antecessores) e, segundo Sérgio Buarque de Holanda (1979, p. 241), “A Arcádia Ultramarina é Cláudio Manuel da Costa e é ele tão-somente”. Segundo Sérgio Alcides (2003, p. 210.), “os demais pastores – Termindo Sipílio, Driásio Erimanteu, Eureste Fenício, Ninfejo Calistide – viviam ou em Portugal ou na imaginação de Glauceste”. Mas, apesar de o projeto não ter prosperado, há outros indícios de filiações à Arcádia Ultramarina.

Silva Alvarenga, que nasceu em Vila Rica em 1749, depois de ter estudado no Rio de Janeiro e matricular-se em Direito em Coimbra em

1768, publica em 1772 a obra “A Termino Sipilio Árcade Romano por Alcino Palmireno Árcade Ultramarino Epístola”. Podemos supor que o próprio Basílio da Gama, o Termino Sipilio, desempenhe um papel crucial na experiência arcádica de Silva Alvarenga, que, estando em Coimbra, declara-se Árcade Ultramarino. Antonio Candido (1981, p. 144.) bem explica como ele também seguirá o magistério de Metastasio. É um fato que os heterônimos arcádicos de ultramar continuam sendo indicados em capas de livros, como no caso de *O Desertor* (Coimbra, 1774) e *Glaura* (Lisboa, 1799), de Silva Alvarenga, “na Arcádia Alcindo Palmireno”, ou no próprio manuscrito do poema épico *Vila Rica*, de Cláudio (1773).

5 Foi um verdadeiro fracasso?

Por outro lado, embora o poema *Vila Rica* também seja introduzido por uma epígrafe de Metastasio, a produção de Cláudio sucessiva a 1768, que vem sendo magistralmente valorizada pelos estudos de Carlos Versani dos Anjos, indica a mudança de perspectiva. Faliu o projeto da Arcádia, de uma sociedade de eruditos pastores e poetas, uma sociedade de iguais, independente, que envolvesse o próprio governador. Na abertura do Canto IX do poema *Vila Rica* (que se supõe concluído em 1773), Cláudio reclama do pouco sucesso de sua lírica pastoril e afirma a exigência da mudança de registro, dedicando-se agora ao gênero épico. Já passou dos quarenta anos e é menos sonhador. Parece pouco acertada a periodização de Melânia Silva de Aguiar que considera o tardo Cláudio Manuel da Costa essencialmente arcádico (ALCIDES, 2003, p. 217). Além da fase épica do *Vila Rica*, o Cláudio do *Manual de Obras* parece mais moralista neoclássico do que árcade. Não existe mais a perspectiva da sociedade alternativa, aquela tão finamente estudada por Monica Ferrando, quando o encomiástico e o arcádico se compensavam, com os encômios a criar o espaço de civilização e a Arcádia a projetar um ideal político-emotivo distinto.

De toda forma, no período de 1768-84, Cláudio continua compondo várias poesias de cunho encomiástico. Antes de 1768, elogiava também grandes figuras da Metrópole, como Pombal e Gomes Freire de Andrade, depois sempre os Governadores, como no caso do *Canto heroico para d. Antonio de Noronha*, governador entre 1775 e 1780, e uma *Fala* em que o compara a Pedro o Grande, czar da Rússia, enquanto os índios são gratos por serem civilizados (MELLO E SOUZA, 2011, p. 153-154). Mas também

escreve treze poesias entre écloas, odes e sonetos em homenagem a Dona Maria José de Eça e Bourbon, mulher de d. Rodrigo José Meneses, primeiro governador a levar para Minas sua família. Seus anos em Vila Rica, entre 1780-1783, são uma época em que o palácio é realmente próximo às elites e à sociedade literária local. Já em 1776, tinha chegado a Rio das Mortes (São João del Rei), como ouvidor, o poeta Inácio José de Alvarenga Peixoto, que em Portugal era amigo de Basílio da Gama, e em 1782 chega a Vila Rica como novo ouvidor-geral um companheiro de estudos de Direito de Alvarenga Peixoto em Coimbra, Tomás Antônio Gonzaga. Com Gonzaga, Cláudio Manuel da Costa encontra finalmente um poeta capaz de compartilhar seus anseios literários. Inicia-se uma temporada de frequentes reuniões e intercâmbios, não alheia às tensões políticas que levarão à colaboração na sátira das *Cartas Chilenas* e à tragédia insurrecional da Inconfidência. Com o novo governador, Luís da Cunha Meneses (o Fanfarrão Minésio das *Cartas Chilenas*, de autoria de Tomás Antônio Gonzaga com a colaboração de Cláudio Manuel da Costa e outros), a situação muda, e os árcades têm que se reunir em casas privadas. Na lira VII, Gonzaga se lembra das reuniões na varanda da casa de Cláudio, de onde se via a casa de Marília.

Durante todo este tempo, os protagonistas deste simpósio continuam utilizando seus nomes arcádicos. O que faltará, além de uma estrutura oficial para o grêmio da Arcádia Ultramarina, será exatamente o uso do italiano. Aquela língua que parecia propícia quando Cláudio ainda pensava em poder envolver no projeto arcádico (independente da Arcádia Lusitana e culturalmente autônomo, porque relacionado diretamente à Arcádia Romana) o próprio Governador. É como se a autonomia cultural não pudesse dar-se sem ruptura, e, para a ruptura, o italiano, língua da música, da cultura internacional e das cortes, não era mais apropriada, podia até ser um empecilho.

Em 1788, todas as esperanças são depositadas no novo Governador, o visconde de Barbacena, que chega em julho. Mas este vem com o objetivo de aumentar a arrecadação e evita o diálogo com as elites coloniais. Chega a hora da conspiração, insuflada, entre outros, pelo próprio Cláudio Manuel da Costa, o velho Glauceste Saturnio, que nunca renunciou à ideia de uma renovação justa das letras e da sociedade a partir de um grupo de vanguarda intelectual, quer sejam árcades ou inconfidentes. Em maio de 1789, é preso Tiradentes. No dia 18 de maio, Cláudio Manuel da Costa e Tomás Gonzaga estão juntos na casa de Cláudio, talvez destruindo papéis, documentos de

reuniões, poemas, projetos de Constituição... No dia 20 de maio, Gonzaga é preso; no 22, Alvarenga Peixoto. No dia 25 de junho, Cláudio Manuel da Costa é levado para a Casa dos Contos, onde é interrogado a partir do 2 de julho. Dois dias depois é encontrado morto em sua cela.

Referências

ALCIDES, Sérgio. *Estes penhascos: Cláudio Manuel da Costa e a paisagem das Minas, 1753-1773*. São Paulo: Hucitec, 2003.

ALCIDES, Sérgio. Seixas Brandão e o malogro da Arcádia Ultramarina. *Oficina da Inconfidência*, Ouro Preto, ano 4, n. 3, p. 82-103, 2004.

BOUGAINVILLE, Louis Antoine de. *Voyage autour du Monde*. 2. ed. Paris: Chez Saillant & Nyon, 1772.

BUARQUE DE HOLANDA, Sérgio. *Tentativas de mitologia*. São Paulo: Perspectiva, 1979. p. 221-271.

BUDASZ, Rogério. *Teatro e música na América portuguesa*. Curitiba: DeArtes-UFPR 2008.

BUDASZ, Rogério. *Opera in the Tropics: Music and Theater in Early Modern Brazil*, Oxford University Press 2019.

CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos (1750-1836)*. 6. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1981. p. 77-136. v. 1.

FERRANDO, Monica. *Il regno errante: L'Arcadia come paradigma politico*. Vicenza: Neri Pozza, 2018.

INAMA, Carla. *Metastasio ei poeti arcadi brasiliani*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1961.

LAPA, Manuel Rodrigues. O enigma da Arcádia Ultramarina aclarado por uma ode de Seixas Brandão. *Suplemento Literário do Minas Gerais*, Belo Horizonte, ano 4, n. 174, 1969.

LOPES, Edward. *Metamorfoses: a poesia de Cláudio Manuel da Costa*. São Paulo: Editora Unesp, 1997.

LOPES, Hélio. *Letras de Minas e outros ensaios*. São Paulo: Edusp, 1997.

MELLO E SOUZA, Laura de. *Cláudio Manuel da Costa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

METASTASIO, Pietro. *Tutte le opere di Pietro Metastasio*: a cura di Bruno Brunelli. Mondadori: Milano, 1954. p. 897. v. 4.

PROENÇA FILHO, Domicio (Org.). *A poesia dos Inconfidentes*: poesia completa de Cláudio Manuel da Costa, Tomás Antônio Gonzaga e Alvarenga Peixoto. São Paulo: NovaAguilar, 1996.

TEIXEIRA, Ivan (Org.). *Obras poéticas de Basílio da Gama*. São Paulo: Edusp, 1996.

VERSIANI, Carlos (Org.). *O velho Cláudio*: inéditos da maturidade de Cláudio Manuel da Costa. Ouro Preto: Liberdade, 2019.

VERSIANI, Carlos. Glauceste Saturnio e a Real Mesa Censória: uma crítica genética das Obras de Cláudio Manuel da Costa. *Revista de História*, São Paulo, n. 170, p. 261-290, 2014.